

O ACADÊMICO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DO DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES
ANO II — Nº 12 — JULHO DE 1976 — BLUMENAU — S. C. — Cr\$ 1,00

Divulgando a Literatura Catarinense

CORRESPON-
DÊNCIA

(Pág. 2)

ADMINISTRAÇÃO
1º CONCURSO
NACIONAL DE
MONOGRAFIAS

(Pág. 10)

CADERNO
ESPECIAL

(Pág. 5)

EDITORIAL

As literaturas definiam-se tradicionalmente pela qualidade e pelo volume de sua criação poética, literatura era, antes e acima de tudo, poesia.

Parece inegável que a situação já não é mais a mesma e que, contemporaneamente, são o volume e a qualidade da prosa que estabelecem os padrões de julgamento. A poesia, enquanto gênero literário, perdeu a sua vitalidade, dir-se-ia que foi despojada de sua necessidade como forma de expressão; isso não quer dizer que haja desaparecido ou que venha a desaparecer no conjunto da atividade artística, mas significa que, sem sombra de dúvida, ela passou de gênero maior a gênero menor. É a prosa e, em particular, a prosa de ficção que absorve, em nossos dias, a força criadora do homem e que estabelece a hierarquia literária; espere-se, por exemplo, que uma grande literatura como a brasileira, tenha bons poetas, mas, infelizmente, não é pelos bons poetas que se mede a importância global de uma literatura. Por isso mesmo, os bons poetas e os grandes poetas tornam-se cada vez mais raros; e são bons e grandes para círculos cada vez menores e mais delimitados de leitores. Seja qual for a importância e categoria de um poeta, ela só é reconhecida ou, pelo menos, só interessa genuinamente a um grupo específico e quase sempre, um para cada poeta. Nosso tempo deixou de produzir os poetas universais e predominantes, aqueles cujo público virtual se confundia com o público literário propriamente dito. Este ainda uma vez, lê também poesia e procura conhecer os poetas do seu tempo; mas a leitura de poesia é hoje um exercício literário, enquanto a leitura da prosa é, para os amantes de literatura, um exercício vital. Em outras palavras, se não existisse a obra de um Castro Alves, de um Olavo Bilac, é certo que a criação poética perderia alguma coisa, mas é inegável que a face da literatura permaneceria intocada; e, de resto, não são eles que melhor definiriam a poesia literária do nosso tempo, mas um Cruz e Souza, um Fernando Pessoa e um Augusto dos Anjos. O que diz tudo.

LIVROS

MÚSICA
(Pág. 4)

O AUTOR
CATARINENSE
É UM
DESCONHECIDO
(Pág. 9)

AMANHÃ
TODOS
ESTAREMOS
SURDOS.
(Pág. 9)

Circulando em todas as Universidades Brasileiras
2º. FESTIVAL UNIVERSITÁRIO DA CANÇÃO

A MAIOR REALIZAÇÃO DOS
DIRETÓRIOS ACADÊMICOS DE BLUMENAU.

(Paginas 6/7)

- Correspondências -

CANOINHAS (SC) — Venho através desta agradecer-lhe, e a Equi de "O ACADEMICO", pelas notas a respeito de meus livros.

Realmente, não é fácil a divulgação de autor catarinense, em nosso Estado. Com a criação dessa coluna, você está colaborando para melhorar essa situação.

De minha parte tudo tenho feito para difundir os nossos escritores, como também de outros Estados, de tal forma que hoje recebo livros dos mais incríveis lugares deste País.

Faço votos que você continue, pois temos muita coisa boa a mostrar. É possível que muitas produções de nossos autores tenham falhas e defeitos não tolerados pela crítica; mas, em compensação, muitas delas são melhores do que muito "bagulho" saudado com banda e foguetório apenas porque vem de fora...

Meus parabéns a você e sua equipe. Com o abraço agradecido do (ENEAS ATHANAZIO).

Caro Enéas — Ao criarmos uma seção especial onde comentamos os livros de autores catarinenses, tínhamos em vista um único objetivo: divulgar o que é nosso; a nossa cultura... O dito burlesco e de mau gosto de alguns críticos, de que não existe autores bons está sendo substituído por outro que o tempo se encarregará de provar — nós temos bons escritores — tanto em livro didático como em crônicas, poesias ou contos... O maior problema que existe em Santa Catarina, ou melhor, com os autores catarinenses, será motivo de uma matéria no jornal "O ACADEMICO" para breve...

CURITIBA (PR) — ...Congratulações pelo primeiro aniversário de "O ACADEMICO"; vocês mostram realmente que mesmo sendo poucas, as coisas importantes, elas existem.

(CARLOS E.O. BASTOS)

Carlos — Você como amigo nosso (NOS BONS TEMPOS DE INTERNATO E BEATLES) é a pessoa mais suspeita para falar do nosso trabalho... (é uma brincadeira without troubles)...

JOINVILLE (SC) — CARTA ABERTA A UM PUNHADO DE JOVENS IDEALISTAS).

Prezados jovens amigos da rev. O ACADEMICO — BLUMENAU
Saudações entusiastas!

Uma nova revista, ou jornal. Que surge, sobretudo se é dirigida e mantida por espíritos moços, ao desabrochar da juventude esperancosa, é sempre um astro auspicioso a brilhar no céu do firmamento espiritual. Toalha azul em sua constelação, são promessas de poetas e escritores que amanhã, talvez agora mesmo, numa pujante afirmação antecipada, estejam se firmando como legítimos valores, sempre positivos e em si bem-vindos, como uma alegre florada primaveril.

Por isso, eu que também fui moço em idade, e moço com estes pendores literários incoercíveis (aos 23 anos, fundando e mantendo, aqui em Joinville, a revista COCKTAIL) eu sinto-me reviver, em sua plenitude que diria gloriosa, lendo o ACADEMICO, essa fase viril em que os estos líricos de envolta com as elocubrações filosóficas, tomam-se o pensamento com a paixão, com a vóemencia, e direi mesmo, com a volúpia com que se ama pela primeira vez na vida. E seriam patéticos esses vôos de Ícaros, ainda inseguros em suas asas, mas estupendos em sua afoiteza e arrojo, se a sustentá-los no espaço, a conferir-lhes permanência no percurso atrevido, não lhes valesse, por pouco que fosse, o ânimo, o entusiasmo fremente e, por vezes, a fé toda-poderosa que os faz alarem espaço afora, esses ensaios doutra forma inconcebíveis transpondo abismos insondáveis. Mas, se é pela animação e coragem indômita, que se alcançam esses vôos afoitos, capazes de nos sustentarem no ar das possibilidades, é pela persistência da vigília estudiosa e pela diuturna dedicação no rumo do conhecimento e da cultura, é que nos podemos assegurar de um futuro onde haja a plenitude da realização esplêndida. A "natureza é maleável, e onde houver inteligência, aí haverá o material para a obra que se idealizar", prelecionava-me em carta, um pri-irmão mui querido (Crispim Mira, cognominado com justiça o "Príncipe dos Jornalistas" e glorificado em nossa Capital quando em sua nobre função, tombou covardemente sob as balas assassinas) e aí, estudante ainda, lhe consultava eu sobre os caminhos a seguir.

A mocidade é por si radioosa, mas para sustentá-la necessário se faz que esse "elan" maravilhoso, que esse esto divino que é

o entusiasmo pelo belo, pelo bem e pelo amor em todas suas formas superiores, jamais nela diminua ou esmoreça pela vida adiante. E já encontrá-la alicerçada solidamente em princípios cristãos que nos norteiam por este sentimento dos sentimentos que é o amor ao próximo, é participar ela da graça incomensurável consubstanciada na eternidade que a gente intui e sabe se prolonga além da vida biológica, em si.

Em breves palavras e na síntese permitida por uma simples missiva, é isso o que, em animação e simpatia, eu lhes tinha há muito a dizer e, meses andados, já nesse dalbar, fagueiro, do primeiro ciclo anual vencido.

O ACADEMICO, se foi um balbucio em sua primeira arrancada literária, é hoje, e mercê do esforço e persistência dos que o dirigem e colaboram, uma esplêndida, notável realidade na imprensa escrita, não só catarinense, mas de todo o nosso querido País.

É bom, é doce, e tem o sabor das coisas feitas para ficar, mas progredindo sempre, e sempre idealizando, ver e constatar a projeção surpreendentemente rápida e fulgurante que um punhado de jovens enérgicos e esperancosos, estão dando hoje pra valer, a uma tentativa que teria, como disse, a permanência, quicá efêmera do sonho de Ícaro, se a não sustentasse a força máscula, a sugestão encorajadora partida historicamente de um Bartolomeu Lourenço de Gusmão, o "Padre Voador", e depois, saindo do aérostatto para uma etapa mais gloriosa, a projeção incontida, firmada pelo gênio, patricio também, de Santos Dumont, mas aí no mais pesado que o ar.

Parabéns, moços dessa terra em si também grande e generosa, como vossos corações palpitantes.

Viver — é lutar.

E lutar... é vencer!

Patrício e admirador, (MOACYR GOMES DE OLIVEIRA).

Ilustre colega — Estaríamos sendo desonestos para com a nossa própria consciência se disséssemos que essas palavras não são merecidas... Só, esperavamos ouvi-las de nossos amigos mais íntimos... Aqueles diante dos quais nós pensamos em voz alta e eles não ouvem nossos pensamentos... Mas sabem que nós existimos quando precisam de nós...

JOINVILLE (SC) — O ACADEMICO está cada dia mais jóia.

Parabéns pelo premio.

Abraços (CARLOS ADAUTO VIEIRA).

Caro amigo — Vossas palavras sempre serão bem recebidas...

Grato pelas colaborações...

EXPEDIENTE

FUNDADORES — Oldemar Olsen Jr.
Maria Odete O. Olsen
Fred Richter
Domingos Sávio Nunes
Jose Luiz Dias de Souza

DIRETOR E REDATOR RESPONSÁVEL

Oldemar Olsen Jr.

REDATORES — Maria Odete O. Olsen, Fred Richter, Domingos Sávio Nunes, Jaime Monney Kempinski, Afonso Pabst Neto, Sérgio André Zanin, Carlos Alberto Ramos Schmidt, Roberto Diniz Saut, Sílvio Borges de Jesus, Artêmio Zanon, Carlos Eduardo de O. Bastos.

COLABORADORES — Hans Bachl, José Roberto Rodrigues, Wilson Lang, Reni Becker Filho, Inês Mafra, Luiz, Carlos Adauto Vieira, Abel A. de Souza, Pedro Grisa, Enéas Athanázio, Moacyr Gomes de Oliveira.

EU PENSO ASSIM

Imagine se Freud, antes de anunciar a primeira descoberta sobre a droga que é a nossa cabeça, tivesse pensado nas "lastimáveis" consequências que teria mais tarde a popularidade da psicoanálise... Imagine Sartre com um problema de consciência ao pensar nas consequências que teriam suas idéias na cabeça de um menino de dezessete anos; o vazio da existência, a porquindade em geral, um jornal úmido entre os dedos representando a nulidade total da racionalidade. Pense em Cristo temendo que alguém compreendesse o profundo significado de "és pó e ao pó há de tornar".

Ou pense num Guevara vendido à idéia de que "os poderosos jamais cairão"; e ele sabia que suas palavras e atos continham, intrinseco, o germe da podridão e do desgaste a que estão sujeitas todas as coisas ditas e levadas a efeito por um homem de ação, pois para que cheguem aos nossos ouvidos devem passar pelos filtros que "suavizam" sua força e seu valor. Como seria estúpido um Vivaldi que lamentasse que outros conhecessem a tristeza própria das flautas e dos oboés mesmo quando soam rápidos como quem foge.

O cientista, como o artista, é um sino que tange as notas que se lhe apraz. Estes, e outros grandes, não tremeram ante o que se lhes pareceu verdade e nota digna de ser ouvida. "Seja a nota que tanto transformada na dissonante que cada orelha desejar", deve ter sido o que pensaram. Ou então, "farei a minha parte, e a próxima geração que se arranje". Não é fácil, no entanto, conciliar Einstein como ser humano que luta pela paz com o imundo porco que teve a imunda idéia de conceber a bomba atômica. Será que este judeu pensou apenas em contribuir para a falência do III Reich. O estrago causado pelas bombas talvez seja apenas uma ninharia material diante da fenda aberta em toda a filosofia do século XX por este homem, perigosamente teimoso, que nos arrastou para um caminho tão claro e racional que nos causa pânico. Nós temos que continuar. Nós somos hoje os que, em 1900, eram tidos como próximos habitantes do planeta Terra.

Por mais abstrato que pareça um sistema filosófico, ele se baseia nas idéias que se fazem da crueza material do dia a dia, nas medidas, nas proporções, nas leis que regem a Natureza, da qual fazemos parte, estejam estas leis só na nossa cabeça ou realmente localizadas nos objetos materiais que observamos. Os sistemas filosóficos dependem de como os filósofos enxergam a "realidade". Na época de Newton, e em épocas posteriores, predominou a simplicidade de sua mecânica, e a visão que as pessoas daquele tempo tinham do universo era de fácil compreensão, pois tudo era certo, visível, palpável; rara era a contestação, raro era o medo; via-se próximo o fundo do poço dos mistérios. Neste século a coisa se modificou: tornou-se, mais do que nunca, válida a dúvida sobre todas as impressões que temos do mundo que nos rodeia; a incerteza tornou-se um princípio; a probabilidade estatística e a margem de erro substituíram as certezas inabaláveis.

Se há estrelas tão distantes, mas tão distantes, que, por mais, que seja veloz a luz que emitem, não podemos saber se realmente existem agora, neste momento, não começa a se abalar o conceito que temos sobre as "verdades absolutas" que nos dão nossos sentidos?

Mesmo um físico, se se apega a algo inegável como o é a impressão (ou conclusão científica) de que o universo, produto de uma grande explosão inicial, tende para um máximo de entropia

BLU
"Som Caliente"

O raciocínio é a saída?

(mínimo de energia), e "sente" que todo o fogo dos céus tende a se apagar, de que maneira terá uma idéia positiva em relação à vida? Não há razão de ser para o nosso desprezo para com os irracionais (ou para com as pedras), já que somos todos pertencentes à mesma unidade, e ainda mais, frente à inutilidade e pequenez da mais perfeita lógica. Einstein nos leva de volta às idéias de Platão sobre os "fenômenos múltiplos, cuja existência não passa de mera aparência". Na realidade nada nos resta, nada existe, se nada temos traduzido pelos nossos sentidos para que o cérebro analise e a memória guarde. A realidade é prisioneira dos sentidos, e vice-versa. Quanto mais nos integramos ao mundo real, que está fora, distante do que pensamos e sentimos, menos temos a comunicar, a questionar. Foi Hegel quem chegou primeiro e disse que "o puro Ser e o Nada são a mesma coisa". Nossa imperfeição em relação ao "puro Ser", é a nossa maneira de ver as coisas reais, porque o fazemos nos colocando fora da realidade.

Se vendamos os olhos, se não tocamos os objetos, se não escutamos os sons, as cores, os sons e as qualidades que normalmente atribuímos às coisas simplesmente desaparecem junto com elas, O mundo que o filósofo e o cientista chamam de mundo da realidade — o cosmos sem cor, sem som e impalpável, que jaz como um iceberg por baixo do plano das percepções humanas — é uma estrutura esquelética de símbolos.

Não é porque Francisco de Assis viveu no século XIII que podemos dizer que lhe foi fácil anjar a vida, embora a compreensão do universo naquele tempo fosse menor. Os homens não sabiam nem o formato da terra, nem se era ou não o centro do universo. Na verdade isto, ou qualquer dos postulados da moderna física, pouco importam hoje e pouco importariam ontem. Não sabemos ainda de que maneira conseguimos, ou se realmente conseguimos, nos transcender a nós próprios e perceber-nos no próprio ato da percepção.

A razão, o caminho que adotamos como método para prosseguir lado a lado com os "puros Seres", nos levou para o vazio de sentido, talvez de volta ao lugar de onde não deveríamos ter saído. No entanto, se ainda consideramos a razão como caminho válido, a nós cumpre tentar levá-las às últimas consequências, e neste caso saibamos que ainda estamos no mesmo, vale nebuloso dos mistérios. Voltar à irracionalidade dos nossos antepassados gurilões é tão incômodo quanto prosseguir crescendo na procura de valores positivos. A apatia é uma forma de traição à racionalidade. Estejam onde estiverem, o sentido, o princípio e a finalidade da vida, temos que admitir, pelo próprio raciocínio, como imunda e porca, e repugnante, e inadmissível a morte e os meios como nos conduzimos a ela.

(DOMINGOS SAVIO NUNES)

— BLUMENAU — S.C.



ASSINATURAS — Cr\$ 30,00 anuais
JORNAL "O ACADEMICO"
C.P. 1124 — 89.100 — Blumenau — Santa Catarina

Nome

Rua Nº

C E P

Cidade Estado

MÚSICA... SEMPRE MAL ENTENDIDA!

O que destrói mais, a ânsia de poder, o desejo de superar, ou, os meios de dispor dessa poder? Esta pergunta está tão fora daquilo que quero dizer, como esta outra: o que seria do azul se todos gostassem do amarelo?

Mas é este o meu início, já houve piores... E foi para desvendar estes jogos de palavras que construíram um arsenal—laudas de tratados de psicologia, de filosofia e por aí fora. Tudo isso para explicar e justificar o responsável principal: o ser humano.

E como sempre, esqueceram do mais simples e do mais puro. Daquilo que, escrito, é demagógico; mas que lá no "fundo" a gente gosta de lembrar. Esqueceram-se e não pensaram nos pedaços mudos e inexatos, nas formas rotas alteradas, não olharam nas cicatrizes das feridas passadas e criaram a grande palhaçada (para curarem posteriormente), o grande cogumelo atômico. Um grande monstro estúpido, um peso inválido, uma lembrança radioativa, uma célula hereditária que doaremos, alguns envergonhados, como uma anti-rosa sem perfume, sem nada.

a

ROSA DE HIROSHIMA

(Gerson Conrad — Vinicius de Moraes)

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroshima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A anti-rosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.

Lastimável que o nosso chão seja ainda sub-desenvolvido que de tão árido sufoca os raros embriões conscientes.

M. O. O. O.

Crédito educativo: Inscrições abertas até o dia 15 de agosto

Os estudantes interessados no Programa do Crédito Educativo, a partir do próximo mês poderão inscrever-se, candidatando-se à obtenção do crédito, junto às instituições bancárias autorizadas; representantes do MEC ou Caixa Econômica Federal.

O prazo total do empréstimo é dividido em três partes: 1) período de utilização, ou seja, aquele em que o estudante estará recebendo os recursos, equivalente à duração média do curso, podendo ser admitida uma tolerância de até um ano; 2) período de carência, estabelecido com a finalidade de permitir ao estudante conseguir emprego antes de iniciar a amortização, fixado em um ano contado a partir do término do curso; e 3) período de amortização, com duração igual ao período de utilização.

PRESTAÇÃO MENOR

Os juros cobrados são de quinze por cento ao ano, nominais e inferiores, portanto, às taxas de desvalorização monetária atuais, capitalizados semestralmente durante os períodos de utilização e carência, findo os quais, sobre o saldo devedor, serão calculados pelo Sistema Price prestações amortizantes mensais e iguais.

Em qualquer economia, ocorrendo uma inflação cuja taxa de remuneração de um financiamento obtido, necessariamente acontecerá que, quando o tomador do dinheiro processar a amortização, estará pagando, em termos reais, menos do que recebeu, e mais, pagará tanto menos quanto maiores forem o prazo do financiamento e a diferença entre as taxas de desvalorização monetária e de remuneração do financiamento.

Após a formatura, e decorrido um ano de carência, o universitário vai pagar em termos reais, ou seja, a preços de hoje, valores inferiores ao que recebeu quando estudante.

Uma vez que o número de prestações mensais amortizantes é igual ao número de parcelas mensais recebidas pelo universitário (o período de amortização é igual ao período de utilização), é claro que, em termos reais, o total amortizado será inferior ao montante recebido, tendo em vista, a preços de hoje, que o valor das prestações será menor que o das parcelas mensais recebidas como empréstimo.

EXEMPLO

Para esclarecer a matéria, os promotores do programa dão, como exemplo, o caso de um universitário que utilizou o empréstimo manutenção durante três anos e terá recebido, ao final Cr\$ 18.000,00. Seu saldo devedor, a ser amortizado, após a carência, será de Cr\$ 26.212,00. O valor da sua prestação mensal, calculada através da Tabela Price, com 15% de juros ao ano, será de Cr\$ 909,00. O universitário beneficiado, no entanto, só pagará a primeira prestação 4 anos após a assinatura do contrato (somando-se o ano de carência). Levando-se em conta uma desvalorização monetária de 20% ao ano, em termos reais, essa primeira prestação será de Cr\$ 438,00. Se a desvalorização crescer para 25% ao ano, ela será de Cr\$ 372,00, a preços de hoje.

TOPOGRAFIA

PAVIMENTAÇÃO

Hayashi & Cia. Ltda.

CONSTRUÇÃO CIVIL

TERRAPLENAGEM

Rua Bahia, 1957 — Caixa Postal, 703 — Fone, 22—0635

BLUMENAU

SANTA CATARINA



toalhas

ARTEX

A moda em toalha

Blumenau

SC

ACADERNO ESPECIAL

AS MELHORES MATÉRIAS
A PRÁTICA EXIGE MENOS TALENTO QUE A CRIAÇÃO. (O. O. J.)

Definitivamente

A transformação do aminoácido
na cadeia das proteínas
a permanência do Buda
no bosque —
seus pensamentos,
o homem que olha seu vocabulário,
o poeta que sabe o dia de sábado
o herói que morre,

o PX-15, submarino que viaja
da Flórida à Nova Escócia,
e as posturas de Yoga,
e Moisés que ouviu os estatutos,
e os juízos de Deus,
e Che subindo a serra,
e o Homem descendo à lua,
e Cristo;

começa aí a marcha da compreensão,
a temperatura dos alaúdes
e as peças dos quebra-cabeças:

e o Homem é infeliz pelos aminoácidos,
pelos pensamentos palavras e obras,
pelas lágrimas, mortes, PX-15, posturas,
estatutos e marchas.

O Homem é triste.
Definitivamente triste.

Definitely

The amino acid's transformation
in a chain of protein;
Buddha's residence
in the forest
& in his mind;
the man who watches his words;
the poet who knows which day is Saturday;
the dying hero;

the PX-15 submarine traveling
from Flórida to Nova Scotia;
& the postures of Yoga
& Moses when he heard the word
of God
& Che climbing the Sierra
& man dropping down to the moon
& Christ...

Here begins the march,
the temperature of a medieval guitar
& the pieces of a puzzle.

Man became unhappy
because of the amino acid,
because of his thoughts, words, deeds
because of his tears, deaths,

PX-15, postures, marches
& the word of God.
Man became sad,
definetely
sad.

(TERESINKA PEREIRA)

UNIVERSITY OF COLORADO — DEPT. OF SPANISH &
PORTUGUESE — U. S. A.

Instantâneo

Existe um momento:
já!
É um instante apenas.
A máquina fotográfica
não capta.
O coração sente
e esquece.

(CARLOS D. W. MARTINS)

CALCULADORAS CIENTÍFICAS
E FINANCEIRAS

HP-21 HP-22 e HP-25

ARTIGOS PARA DESENHO E
TOPOGRAFIA

CÓPIAS HELIOGRÁFICAS
E XEROX

ENGECOP — MATERIAIS TÉCNICOS LTDA.

Rua Nereu Ramos, 157 — Fone 22-2296 —

Blumenau — Santa Catarina





2.º FUC a maior realização dos

1a. PARTE O 1º FESTIVAL UNIVERSITÁRIO DA CANÇÃO ONTEM...

POR OLDEMAR OLSEN JR.
(SECRETÁRIO GERAL DO 2º FUC)

O 1º Festival Universitário da Canção nasceu de um diálogo informal na mesa de um bar... Desejávamos realizar uma grande promoção em que as pessoas tivessem uma participação mais efetiva, não uma participação física, mas uma participação espiritual cujos sentimentos fossem muito alto, alto o suficiente para ofuscarem os gestos triviais dos desdenhosos que não acreditaram em nós.

Dividimos as tarefas... Alguém se encarregou do regulamento, outros da escolha do júri, e as coisas foram evoluindo. Tivemos a metade do tempo que estamos tendo agora (quando da realização do II FUC)... Trabalhamos em três elementos...

Em pouco tempo, outros tiveram consciência da importância de tal empreendimento e foram coagidos e auxiliaram... Como era o primeiro Festival que organizávamos, fomos colhendo o fruto de nosso erro à medida que errávamos, portanto, a experiência trazia em si os germes de sua contestação.

Não quero dizer que o Festival excedeu em três vezes o orçamento inicial previsto... Também não vou falar das atrações que não corresponderam ao nosso entusiasmo e expectativa... O fato é que ninguém pode realizar o 1º Festival Universitário da Canção novamente... As inscrições excederam nossas previsões mais otimistas e a experiência valeu...

É difícil você projetar uma imagem perfeita em uma tela deformada... Dêem as mesmas condições e as mesmas ferramentas para um grupo com os mesmos números de elementos em outro lugar e quero ver se acontece um Festival da Canção como ocorreu em Blumenau no ano de 1975.

Fazer digressões sobre os erros do 1º Festival, não nos interessa, a verdade é que eles existiram, e vão continuar existindo em toda e qualquer promoção que se realiza pela vez primeira.

Ninguém pode incutir nova luz aos métodos analíticos utilizados pelos alienados que se julgam no direito de criticar e apontar erros (evidentes) isto é, reiterando o óbvio... O que nos transforma em distintos atoleimados.

Rapaz, quando você tem idéias anômalas (diferentes), ninguém acredita que você as ponha em prática, ninguém te ajuda, eles (ENTOURAGE) sistema, ou qualquer coisa do genero, tentam, com a indiferença (que é a pior das críticas) boicotar teu trabalho, fazer com que ele morra antes de nascer; como se isto não bastasse, ainda fomentam boatos que circulam esplendidamente quando se não tem o que fazer.

A crítica é o apanágio do inapto... Quando não se tem o que fazer e não sabe o que fazer, enlão, faz-se crítica. O crítico é um mau artista... todo ele...

Uma vez, eu falei que crítica construtiva não existia. Muito bem, ninguém contestou... Quem quiser contestar, escreva)... agora, evitem de usar palavras cediças e repetitivas como: entende, saca, de montão, falou, é isto aí bixo, tô na minha, é um barato, vai ser uma curtidão... Isto deturpa o nosso trabalho...

Bem, o 1º Festival Universitário da Canção é um fato consumado, o que nós conseguimos fazer, foi feito, o que deixamos de realizar será realizado este ano... Esperamos muitas inscrições... Inclusive a sua, apesar dos pesares...

2a. PARTE

Nosso mundo, nossa canção, nossa universidade

Roberto Diniz Saut
Presidente do Diretório Central
dos Estudantes da Furb
DCE

O FESTIVAL UNIVERSITÁRIO DA CANÇÃO é nosso, é "coisa nossa". Nasceu nesta terra em 1975 e aqui há de criar tentáculos universais. Somos modestos até, porque "universo" para nós, estudantes todos, é todo o conjunto de universidades, de gente que participa, de universitários, de comunidades responsáveis por uma evolução técnica e cultural consciente.

Os Diretórios Acadêmicos, o Diretório Central além de abrir campo para a batalha da defesa dos direitos a que fazem jus os estudantes do ensino superior, procuram defender também o direito de o universitário promover uma integração UNIVERSIDADE—UNIVERSIDADE—UNIVERSIDADE—COMUNIDADE através da cultura.

É esta é a êssencia, é o sentido pleno que visualizamos quando fazemos existir o 2º FESTIVAL UNIVERSITÁRIO DA CANÇÃO.

É o direito e a liberdade de o universitário compor sua canção, cantar os seus versos, expressar aquilo que absorve do momento atual interno e externo.

É o universitário lançando o seu desafio a sua própria criatividade, a sua ânsia de sentir a arte, ao seu desejo de realizar, de ser ele mesmo despojado de tacanhos dias vazios.

É a integração verdadeira.

É uma forma de se acreditar na cultura.

É cantar canções para mentes materializadas.

É participar da vida universitária.

É crer na capacidade do jovem.

É isto. Festival Universitário da Canção é muito mais, envolve trabalho, idéia, solidariedade, união, capacidade, organização. Festival envolve pessoas, uma idéia na construção de um cenário vivo de emoções.

Nós acreditamos no nosso trabalho.

Festival representa para nós todo o que as grandes coisas representam para as grandes personalidades.

Os universitários de Blumenau de Santa Catarina, do nosso Brasil no seu todo terão seus dias para cantar suas canções aos que entendem nossos objetivos e nossas mensagens de trabalho, de criação, de jovens brasileiros conscientes.

Quando o Diretório Central designou a Comissão Executiva que ficaria com a responsabilidade de organizar e executar o Festival tinha a certeza de que estava escolhendo pessoas capacitadas e idealistas. Tinha a certeza que estava acertando. Tinha a certeza que eles iriam até o final da batalha e que não deixariam soterrada aquela ânsia de trabalhar em nome de todos os universitários.

É isto está acontecendo. Presidentes de Diretórios, Estudantes, Televisão, Imprensa todos, sem exceção lutam pelos mesmos objetivos: tornar o Festival uma realidade nacional. É isto bem o podem afirmar o Presidente da Comissão Executiva Silvío Borges de Jesus e o Secretário Oldemar Olsen Junior. É isto podem confirmar os Presidentes dos Diretórios Hans Heinrich Bethe, Cláudio Jungen, Diomar Dallagnolo, Cylaine Figueiredo, Leone José Marcon.

Todos perseguem os r
Todos são universitários

balhos

Todos lutam por todo
goísmo, porque a cultura nã
este cancro destruidor.

Queremos que nosso F
Nossa luta pertence a

3a. PARTE

O IIº Festival da Canção

A quanto mais n
se aviva o entusiasmo e a m
sitário e comunitário

A partir da Portaria nº
dos Estudantes, DCE, através
Diretórios Acadêmicos da F
iniciamos a desenvolver os t
estruturação do 2º FUC.

Procurando encontrar e
rios da FURB, aqueles que m
versas atividades acadêmicas
mos uma Comissão Executiva
brangeriam os mais diversos

Assim é que, fomos enco
Júnior, a capacidade e a exp
Secretaria Geral.

Ratificando e expressan
neles depositaram os Acadêm
Comissão Executiva, convidan
tes dos Diretórios.

Cylaine Figueiredo (Dire
nomia), Leone José Marcon (D
ge (Filosofia), Diomar Dallagnolo
o experiente Osmar Laschewi

Com a finalidade de me
mento, a programação e a ex
buimos as diversas tarefas e
caram assim constituídas:

Cerimonial e Premiação
Acadêmico de Direito) Finança
Acad. Economia).

Divulgação (Osmar Laschewi
to).

Inscrição e Recepção (D
cad. Engenharia).

Segurança (Valquir S. C
Saúde (Reni Becker F
Direito).

Técnicas e Traba
Acad. Engenharia).

Serviços Especiais (Mar
Secretaria Executiva (J

O 2º Festival Universitário
realizado nos dias 8 de setem
gresso de Abertura e 9,10 e 11
própriamente dito, nas depend
Blumenau.

Tem o Festival o Objet
tário à comunidade, e muito p
dições de mostrar a sua cria
sical, fazendo-se apre
que pode e deve realizar, co

Deverão participar do
dades e Fundações de Santa
ve inscreverem-se universitários

Diretórios Acadêmicos de Blumenau

mesmos objetivos. Os conscientes de seus tra- os sem o impecilho do e- não pode estar amarrada a Festival crie raízes infinitas. a todos.

Universitário Hoje...

os do Festival, mais motivação no meio univer- 01/76, do Diretório Central s o representante legal dos URB, Roberto Diniz Sant, trabalhos preliminares na

entre os muitos universitá mais se destacaram nas di- do 1º Semestre, constitui a e Coordenadorias, que a- setores da Promoção.

contrar em Oldemar Olsen experiência necessária para a

do a mesma confiança que nicos, entendemos formar a ndo os próprios Presiden-

ito) Hans H. Bethe (Eco- (E Engenharia), Cláudio Jun- gnoll (Educação Física) e litz.

melhor estruturar o planeja- execução do 2º FUC, distri- em Coordenadorias, que fi-

o (Jean G. A. Vignais — as (Wilson Ribeiro Filho —

chewitz — Acad. de Direi-

Ananias Vieira Filho — A-

Costa — Acad. Direito).

lho — Acad. Biologia e

o gelo Augusto Alves —

ri Lu Ribas Acad. Filosofia).

José Luiz Souza).

rio da Canção 2º FUC, será

mbro de 1976, com o Con-

l do mes com o Festival

ndências do Galeão, em

tivo de integrar o universi-

principalmente, dar-lhe con-

tividade, através a arte mu-

apador dos trabalhos

mo universitário.

Festival, todas a Universi-

t Catarina, podendo inclusi-

os de outros Estados.

A Comissão Executiva juntamente com as Coordena- dorias, num trabalho conjunto organizaram um pro- grama de atuação, que vem sendo seguido à risca e que tendo sido enviado ao MEC, obteve do órgão pertinente, a afirmação do apoio e incentivo daquele Ministério.

Para o sucesso financeiro da promoção, além do sucesso moral, que, diga-se de passagem consideramos muito mais importante, entramos em entendimento com a direção da TV Coligadas e Jornal de Santa Catarina, e mediante os patrocínios firmamos com aquelas em- presas, acordo pelo qual haveremos de obter com mais garantia os sucessos almejados.

Até o presente momento a Secretaria Geral do Fes- tival, expediu aproximadamente 200 ofícios, entre parti- cipações e solicitações, o que demonstra a seriedade com que vem se conduzindo.

Todas as Coordenadorias, apresentaram seus pla- nos de atuação, através relatórios escritos ou orais, ob- tendo a inteira aprovação da Comissão Executiva.

Cabe-nos uma referência especial a Rádio Blume- nau, que desde o nascedouro do 2º FUC, até aqui, vem dando total cobertura as deliberações dos Organizado- res, demonstrando assim, mais uma vez, que é realmente integrada ao espírito universitário.

Da mesma forma, exerce papel de significante im- portância o nosso jornal O Acadêmico, que tem levado

às mais longínquas cidades, desde o Colorado nos Esta- dos Unidos, Peru, Chile, Paraguai, Uruguai, Faculdades do Norte, Nordeste, Leste e Centro Oeste e Sul do Bra- sil a notícia do Festival. A televisão Coligadas, Canal 3, e o Jornal de Santa Catarina, têm-nos propiciado a tran- quilidade de um recado dado.

O nosso cartaz. É sem dúvida o nosso cartaz, o nosso símbolo, o que mais nos envaidece; Nascido da criatividade de um expoente, até a pouco tempo, desco- nhecido e hoje elogiado e apreciado por todos, Décio Saut, deu ao Símbolo do Festival a seriedade, a impo- nência e a expressão da capacidade criadora do jovem universitário.

Graças aos apreciáveis prêmios que se estipulou, as medalhas e troféus, procuram os universitários, rebuscar em seu interior a melhor inspiração. É o Festival.

É o 2º FUC. Haverá de ser o marco cultural deste ano.

Haveremos de enaltecer sobremodo o universitário, a FURB, a nossa cidade, Estado, e abrir caminho para o Festival Nacional.

Ninguém perderá por esperar.

Silvio Borges de Jesus
Presidente da Comissão Executiva
do 2º Festival Universitário da Canção.

Elite

No tempo das Monarquias a aristocracia era consi- derada, sem contestação, a única Elite, digna de tal dis- tinção. Ela, a aristocracia, baseava seu direito de go- vernar ou dirigir a opinião popular em suas leis básicas das dinastias e da nobreza, rigidamente observadas pelas altas camadas da sociedade feudal.

Elite significa a nata da sociedade. Não se com- pra com quantidade mas é qualidade. Portanto, quem pertence a uma Elite tem obrigações morais pois o ca- racterístico de uma Elite são: qualificação, senso de res- ponsabilidade, vocação para a solidão e prontificação pa- ra fazer sacrifícios.

A definição da palavra Elite, hoje em dia, sofreu grande metamorfose. A nobreza foi substituída nos re- gimes democraticos, paulatinamente desde a revolução francesa pela burguesia. Há atualmente uma elite po- lítica. A cedula qualificou o candidato eleito. Há as eli- tes científicas, as elites das finanças, das industrias, do alto comércio etc. Mas nem todos que pensam ser membros de uma elite, pertencem a ela. Só dinheiro não serve para avaliar a dignidade de alguém que quer enobrecer.

Assim como a cedula eleitoral eleva o candidato a deputado, devendo o mesmo ainda testemunhar sua aptidão e honradez, assim também qualquer outro mem- bro de uma elite deve dar provas ainda de sua quali- ficação moral.

Antigamente, quando a Nobreza ainda não estava carcomida pelo egoísmo, se dizia e observava na França:

Noblesse oblige!

Nobreza obriga (a sacrifícios).

H. BACHL, Joinville.

MARKETING

(CARLOS ADAUTO VIEIRA)

Há pessoas com a capacidade de marketing inata. Vem do berço, sei lá.

Conheci várias assim, capazes de vender picolé à esquinó.

Um, entre tantos, juntava à capacidade de vender, a capacidade de anunciar o produto à venda.

Técnica simples, de efeito comprovado.

De uma simples lojinha, hoje é proprietário de várias.

É tudo começou por ter, deliberadamente, escrito o nome da loja errado, trocando um S por um C, cha- mando a atenção de muita gente e, de maneira especial, de um jornalista muito zeloso pelo respeito à língua nacional, que, no seu diário atacou o comerciante, dan- do-lhe publicidade gratuita.

Lançando mão destes truques, a lojinha foi progredindo, progredindo, vieram as filiais, a variedade dos produtos, o "faz-me-rir" em abundância.

Noutro dia, ouvi pelo rádio do meu carro um a- núncio de que, nas lojas dele, o freguêz pagava um e levava dois.

Conhecendo-o, fui lá para ver o milagre de perto. Ora, pagar um e levar dois é dose prá manada, nestes tempos em que a gente paga um e leva meio, se tanto.

Tinha linguíça debaixo do anjú.

Negócio era pagar prá ver.

Mudei a direção e me toquei prá lá.

Como se não quizesse nada, fiquei zanzando por dentro da loja até que ele me viu e veio conversar co- migo.

— Mas quanta honra. Em que podemos servir o nobre amigo?

— Tou só dando uma olhada. Ver se me lembro de alguma coisa. A propósito, o que é que vocês estão anunciando que, pagando um, leva dois?

Ele se abriu no seu melhor sorriso e explicou:

— Calçados. Paga um par e leva dois pés.

Viagem ao templo sagrado da loucura

FASCINAÇÃO E DELÍRIO

Deu um acesso de loucura. Estraçalhei os vidros de todas as janelas e cuspi em cima de cada caco no chão. Sofri com os cortes nas mãos, afagando, amassando os pedaços de vidro. Sofri com a cara lambuzada de sangue e de dor.

Um sofrimento solitário, preto e branco ao mesmo tempo.

Não podia mais suportar essa peste que se espalhou pelo mundo. Sou agora normal como os outros, um acesso de loucura. Me espalhei pela casa, contando as gotas de sangue que pingavam de meus olhos. Nem era vermelho. Transparente eu acho, mostrando os anjos mortos-vivos. Nem o gato miou quando a lâmina rasgou a carne. Era cedo ainda e o varredor de ruas assobiando lá fora. Era divertido, isso sim. E num último delírio senti ainda minha mão tocar meu próprio coração, entre os ossos, um músculo quente e escorregadio, no corte da lâmina sorridente. Desmaiei, eu acho. Não lembro.

—>
PENÚLTIMO DIÁLOGO NA PRISÃO DOS SONHOS

Depois da morte fui acordar em outro sonho. Bebendo nanquim que era prá desenhar a cabeça. Tomei um porre dessa tinta negra e acabei desenhado num caderno de uma menina-verde. Uma grande vida, com um borrão na alma. O pecado mais original, prêmio-nobel do Hospício. Era uma menina-verde com muito sucesso, conseguira se formar na Universidade e soube bem fazer uso do diploma, montou um quadro pop, alcançando fama, como uma revolta artística contra os estudos. O diretor da Universidade comprou o quadro por meio milhão de tampinhas de coca-cola premiadas. Vem daí meu sepultamento, como barata dentro de refresco. Foi triste, tinha até bandinha escocesa.

Era uma tarde morta também, como eu, sendo enterrada pela noite. Lembro agora, foi a fachada no peito. Foi a dor. A mão cheia de cacos de vidros. As janelas hoje estão recompostas, todos vidros novos, foscos e inquebráveis. Tecnologia avançada. Sociedade de consumo consumida. Nunca vi buraco tão fundo, e saltaram o caixão, e tive a sensação de estar dentro de um elevador que se solta do quinto andar. Sete palmos o buraco. Mas fundo.

A tampa se abriu com a queda. Sai do caixão, xingando até o padre que se preocupava em achar a página certa da Bíblia. Voltei com meus amigos prá casa, tomei leite, mais tarde deitei, dormi e sonhei com serpentes indianas, dançando rock no City Sound. Agora me lembro a hora, mas a loucura e os choques, tudo rápido, e a camisa de força envolvendo meus movimentos soltos na memória. Minhas mãos voltaram a sentir dores, estavam afagando, amassando pedaços de liberdades. Dores intermináveis.

(LUÍS) — BRUSQUE — Sta. Catarina

Curzio Malaparte: A Pele

"O que ofende um homem não é o espetáculo da carne humana desfeita, rósea de vermes, mas o espetáculo da carne humana no seu triunfo.

... Um homem é orgulho, crueldade, traição, vileza, violência. A carne desfeita é tristeza, pudor, medo, remorso, esperança. Um homem, um homem vivo, é pouca coisa comparado com um monte de carne pedre".

Era preciso apagar a memória, não se lembrar de nada, não sentir nada. Morrer por algumas horas, para não enlouquecer, para não matar. Era preciso recomeçar a luta, mais áspera, infame, mais suja talvez. Os homens disputando os mesmos ossos, roubando, traindo, vendendo-se, bajulando-se, carregando seus conflitos, suas frustrações, suas angústias e sua degradação. Os mais poderosos os vencedores, julgando-se importantes e insubstituíveis, porque bajulados, cercados de áulicos enquanto a sorte e as circunstâncias lhes favorecerem — pequenas pústulas vaidosas que lhes corrompem a alma — empolgados com suas ridículas e perecíveis vitórias, ampliadas pelos serviços oportunistas, pelos subalternos de todas as classes.

Os vencedores, geralmente à custa do suor alheio, libertadores de um povo "bastardo e submisso", dormindo mal sonos de pesadelos, seriam sempre os puros, porque imbuídos do mais alto espírito de fraternidade, seriam os justos, porque provenientes de um país que possui como símbolo a própria liberdade. E os vencidos, povinho pobre e sem grandeza, olhando para as estrelas refletidas nas águas do charco. É preciso abençoar os vitoriosos. Até quando? Até apagar seus sorrisos, envenenar suas horas, seus minutos, seus segundos, berrando porque se tornaram insuportáveis, dar-lhes o dinheiro necessário a que voltassem e permanecessem fora.

Depois, tudo certo, a vida continuando sua marcha, a manhã esplendente de luz movimentando as ruas, homens e mulheres saindo para o trabalho, disputando táxis e ônibus, ou seguindo a pé, acabrunhados, sorridentes, ensimesmados, extrovertidos, quietos, mal ou bem dormidos.

Tudo como sempre, como em todas as manhãs iluminadas.

(F. R.)

Pedra-e-Palavra

Tiro da pedra a regra certa que norteia a minha vida — o rumo exato que me imponho: pedra mais pedra assento na obra que se alteia, palavra mais palavra em versos me componho.

Se a pedra com apuro e amor se manuseia por certo que reflete, ao fim, o nosso sonho; se da palavra o seu sentido se golpeia nela se erige o mundo que nos traz risonho.

Sem o uso pelo qual a pedra acsita a pedra, sem o qual a palavra impõe-se a outra palavra, pedra e palavra são inicialmente implumes.

Sobre a primeira nada o que é de vida medra, com a segunda aguardo o fruto desta lavra: com ambas monumentos vários vão-se aos cumes!

ARTEMIO ZANON



O ACADEMICO

Cogumelo Atômico
Um jornal para
RAROS

Caixa Postal 179
88.350 — BRUSQUE — SANTA CATARINA

O autor catarinense é um desconhecido

Você Conhece um autor catarinense?

Ah!... desculpe, a pergunta não é bem essa...

É: Você já leu algum livro de autor catarinense?

— Não né... nós sabíamos disso.

Mas olha a culpa é só sua, porque nos estamos aqui esperando e você nunca apareceu.

Ou melhor acreditamos que sua ausência seja por não saber que em nossa livraria damos preferência exclusiva aos autores catarinenses. Gente Nossa.

O brasileiro lê pouco, mas o catarinense, muito menos...

Isto é um fato indiscutível e lamentável!

As pessoas que nunca leram, não sentiram no coração a emoção de uma poesia ou mesmo uma pequena frase.

Mas nós acreditamos que você seja mais humano, mais sensível, mais gente... ..L E I A !

Leia, porque o hábito da leitura é sadio e próprio das pessoas que não sentem solidão, porque estar com um livro, é estar com um amigo.

Você... um brasileiro... um catarinense todo especial, leia e comente sobre nossos escritores.

Divulgue-os.

Sabe, eles precisam de você, de mim, de nós...

E nós precisamos muito mais deles, da sua cultura, da sua sensibilidade, da sua arte...

Professor, você intermediário direto entre os alunos, procure criar o hábito da leitura, no estudante catarinense.

Você — S. Excia... uma autoridade.

Você — Chefe de repartição... Industrial... ou Comerciante...

... Você se sentiria bem mais satisfeito e realizado, se em sua sala de recepção tivesse para oferecer aos seus visitantes, de qualquer parte, de terras longínquas ou vizinhas, um livro... já imaginaram a alegria de receber?

E o nosso slogan... SOLIDÃO?... CÔM LIVROS NÃO, seria o de vocês.

Imprensa falada, escrita ou televisada, vocês que andam mais rápido que qualquer um... a CULTURA depende muito de vocês... Ajudem!

Afinal estamos pedindo bem pouco, em vista do que vocês têm para dar, e notem bem... não será para nós.

Estamos fazendo isso por ela — a nossa cultura.

E queremos fazer muito mais por ele... o glorioso, o desconhecido...

... o autor catarinense...!

(L. LUNARDELLI)

(Florianópolis — S. C.)

Amanhã, todos estaremos surdos

O barulho a que está submetido o homem moderno produziu uma geração de meio-surdos.

Em 1961, uma equipe médica pesquisou os Mabaans, uma tribo do Sudão, que vive num lugar onde quase não existe ruído. Os testes mostraram que um Mabaan de 75 anos ouve melhor do que um ocidental de 25.

Pesquisas recentes demonstram que uma pessoa só pode suportar 80 decibéis de ruído durante oito horas por dia num período longo de tempo, no entanto suporta ruídos maiores por períodos mais curtos.

O nível médio de ruídos numa casa é de 50 decibéis. Um aspirador de pó produz 70, o trânsito numa esquina no centro da cidade 85, um metrô 80, a impressora de um jornal 97, uma siderúrgica 100, uma escavadeira 110, uma boate 120 e uma turbina à jato 160.

Convém ressaltar que, na escala de decibéis, cada aumento de 10 significa o dobro. Assim, uma boate onde o nível de som é de 120 decibéis produz o dobro de barulho de uma escavadeira de 110.

Experiências com animais e autópsias em seres humanos mostram que o ouvido externo e médio não são afetados pelo barulho. Mas as células auditivas do ouvido interno incham e depois gradualmente morrem e desaparecem.

A perda de audição em consequência do barulho excessivo é permanente. Nos Estados Unidos, o governo fixou em 90 decibéis o máximo que um empregado pode suportar de barulho continuamente por turno de trabalho.

Já o Departamento de Proteção ao Meio Ambiente (EPA), órgão do governo, está pedindo uma redução do limite para 85 decibéis, o que salvaria a audição de milhares de operários.

As empresas não estão de acordo, diante das grandes despesas necessárias para modificação. O próprio EPA admite que a redução do limite para 85 decibéis significaria uma despesa de 310 bilhões de cruzeiros para as indústrias. Tanto na teoria como na prática, a verificação do que se demonstra é uma verificação através da observação.

Convém assinalar que a verdade da teoria acarreta a verdade da prática, sem que a recíproca seja legítima.

Com efeito, mesmo admitindo que uma redução dos ruídos em excesso esteja entre os problemas que mais preocupam o homem atual, do ponto de vista fatal, apenas quando se conhece algumas soluções (das dificuldades e despesas necessárias) não se segue que esses métodos sejam aplicados.

Ademais, já no século I, um escritor romano comentou que as pessoas que viviam perto de uma catarata do Nilo ouviam mal.

Mas hoje estamos no século XX.



APIS

Projetos: Arquitetônicos
Elétricos
Hidro-sanitários.

Venha "criar" conosco.
Rua XV de Novembro 1464
— Fundos — Blumenau.

Suavidade,
leveza,
alegria,
liberdade,
e beleza...

MALHAS HERING
Ihe asseguram tudo
isso

com muito amor.



Administração:

1º CONCURSO NACIONAL DE MONOGRAFIAS

Foi lançado este mês em Porto Alegre o 1º Concurso Nacional de Monografias sobre Administração para o Desenvolvimento, promovido pela SEMOR da Secretaria do Planejamento da Presidência da República.

O objetivo deste concurso é estimular a produção de trabalhos inéditos que venham a ser úteis à Administração Pública e ao aperfeiçoamento de ensino dessa área, a nível de graduação e pós-graduação.

Poderão participar brasileiros ou estrangeiros que, no momento do envio do trabalho, residam no país.

Os trabalhos concorrentes deverão abordar temas em corpo unidisciplinar ou multidisciplinar que constituem co-

laboração significativa à melhor compreensão de problemas da Administração Pública nos países em desenvolvimento.

As monografias devem ser apresentadas em português, em 3 vias datilografadas, com espaço duplo e, de preferência, não ultrapassando 75 páginas, excluídas as relativas a bibliografia e anexos.

Os trabalhos serão identificados por pseudônimo e acompanhados de envelope lacrado, com nome, endereço residencial e profissional, data de nascimento número do documento de identidade e do CPF, formação acadêmica e experiência profissional do autor.

Na parte externa do envelope deverá ser indicado o título da monografia e o pseudônimo utilizado.

O período de recebimento dos trabalhos é de 1º de agosto a 30 de setembro, sendo que, para efeito da admissão no concurso, será considerada a data do registro postal.

A Comissão Julgadora, integrada por três pessoas de reconhecida experiência nos temas do concurso, caberá conferir os seguintes prêmios:

1º colocado: prêmio no valor de Cr\$ 40.000,00.

2º colocado: prêmio de Cr\$ 20.000,00.

3º colocado: prêmio de Cr\$ 10.000,00.

Os resultados serão divulgados até o dia 3 de novembro de 1976, no Diário Oficial da União.

Os interessados poderão obter informações mais detalhadas na Secretaria da Faculdade de Ciências Econômicas da URGs.

KOISCE'S

(Nem o TITO nem o VILE)
A VOLTA DOS GRANDES PENSAMENTOS — Depois das massas TODESCHINI, ficou mais difícil arringimentar as massas

Depois que lançaram as famigeradas Letras de Câmbio, alguns intelectuais da city germânica estão preocupados com as suas letras... (esse foi fracó).

ESSA É MELHOR — Um médico da city (cujo pai é falecido) foi interpelado por uma engraçadinha espirituosa que disse:

— Seu pai depois de morto está sendo o meu médico, o que você acha?

— Faça uns cálculos e mande-me um cheque para pagar as consultas respondeu o inarpelado (eta palavrinha bandida, sugere outra coisa... parece um verbo abundante... epa, essa é pior, vamos parar por aqui porque senão vamos competir com o PLAY-BOY e vai ficar chato.

HERÓI DO MES — O desgraçado do TITO VILE que saiu de férias e não escreveu esta bendita coluna... Mas não podemos decepcionar o fã clube do xímia (é outro cognome do autor), aliás, falando em cognome, você sabe o que é um cognome? NÃO! nem eu (esta foi boa né, há?).

UM COCHILINHO DE IMPRENSA — De um folheto de promoção turística, numa pequena aldeia montanhosa da Itália: "Nós lhe oferecemos paz e isolamento. As trilhas de nossas colinas só dão passagem a jumentos. Portanto, você certamente se sentirá à vontade em nosso isolado recanto".

A IGNORÂNCIA FOI GERAL — Um tal de Uri Geller (não é jogador de futebol) esteve entortando uns garfos e umas facas... Aí um espirituoso exclamou e porque ele não endreitava os que estavam tortos ao invés de entortar aqueles que estavam bons (fica a sugestão)... O mesmo engraçadinho ainda sugeriu: ele podia desentortar algumas bananas também... Este cara não tem senso de humor.

ESTA NÃO — O paranóico (que tal) quem inventou o humorismo, estava de mau humor.

CONCORRÊNCIA — O nosso concorrente aqui na FURB (Boletim Universitário) está cada vez mais interessante, quero dizer, mais atrasado... Saiu ontem noticiando que o jornal O ACADEMICO do mês de abril já estava circulando... Tinha dó... OH WIRSO (Nascimento)... Isto é surrealismo...

LEITORES — Rezem para que o Tito Vile tenha umas boas férias, caso contrário isto aqui vai virar um inferno...



APAG
segurança na
prevenção
de
INCÊNDIOS

PROJETOS P/ COLOCAÇÃO
DE EXTINTORES HIDRANTES
VENDAS RECARGAS
ASSISTÊNCIA TÉCNICA



Uma palavra antes...

Em cena duas peças teatrais: A Vida de Galileu por Bertold Brecht e Gota d'água por Chico Buarque e Paulo Pontes. Pode ser audaciosa a idéia de colocar quatro autores (se considerarmos Eurípedes do penumbra), de épocas tão diversas num mesmo plano. Somente, na minha opinião, não é verdade. Cultura é cultura. O.K. Cultura é mensagem. 100 O.K. Assim o interesse está no que eles dizem, está no que eles nos transmitem; não importando nada se um é grego o outro brasileiro e mais um outro alemão.

E o que estes nos dizem, o que eles nos transmitem como mensagem poderia resumir-se em tres tópicos num grito unido contra mesmos problemas: — a afirmação de que o texto sempre existiu, mas que por modernismos ou inovismos ignorantes foi calado. (em Brecht).

— a volta desse mesmo texto numa reafirmação de que é preciso "dizer para se fazer entender"; mas num dizer inteligível. (em Chico e Paulo).

— e os elos, cultura-povo; cultura-intelectuais; cultura-repressão.

Mas é muito difícil falar dessas ligações, quando se é proletária "universitarista" na city Blumenau. Quando cultura ainda é sufocada dentro de limites folclóricos, de consertos semestrais de abanadas de camarotes, de raras pecinhas a La Como Dói Meu Coação. Então, os tópicos e elas mencionados acima que os ditos autores tanto defendem, aqui já são quebrados de saída, pois não existem. E aqui é o local de Santa Catarina onde as coisas acontecem.

Na realidade, vivemos aqui em matéria de cultura, numa nuvem densa de ilusão. O povo assimilando uma falsa cultura transmitida por falsas estrelas pseudo intelectuais boicotadoras.

"Que as coisas estejam como estão, não é razão para que fiquem como estão". Boicote aqui, não é um sensacionalismo barato afim de criar um novo termo nas altas ou baixas "rodas". É aquilo que o termo quer dizer mesmo — uma tesoura destinada a cortar asas de todo aquele que aventurar-se a ofuscar o brilho das pobres estrelas manchettinhas que conseguiram colocar dois ou tres livros no mercado.

Porque Romanowski não conseguiu colocar sua peça no teatro blumenauense Carlos Gomes? Por isso que falo de ilusão. O povo não sabe o que é cultura, porque a manifestação desta aqui, está amarrada ao pseudo prestígio (já mencionado) e a uma illusória condição financeira que colocaram uns e outros um degrau acima. Assim resume-se a nossa pobre cultura, num mediocre sinônimo de manifestação burguesa. Ou seja — nula. Não fala como dona da verdade, mas sim como utópica consciência alerta.

ANDRÉA — Infeliz o país que não tem heróis!

GALILEU — Não! Infeliz o país que tem necessidade de heróis.

A VIDA DE GALILEU por Bertold Brecht

"É considerada por muitos críticos a "summa" do pensamento brechtiano, é uma reflexão dialética, sem dúvida das mais complexas e profundas efetivadas por um escritor marxista, sobre o comportamento do intelectual diante de uma sociedade repressiva: seu significado como homem, o sentido dos seus atos, a consequência de suas concessões e compromissos com o poder, o que uma abjuração pode significar para a vitória da verdade, ou que serviços presta à difusão da mentira, a análise de uma ética e de uma moral não estudada metafisicamente, mas sim diretamente vinculada a um momento histórico determinado, que determina, por sua vez, o sentido de suas opções e a compreensão da essência e das exigências desta realidade".

"A peça, repleta de referências nitidamente auto-biográficas, é uma reflexão viva e inquieta, uma indagação permanente, um acúmulo de perguntas e questões. O que interessa a Brecht é a compreensão do passado para encontrar a forma de agir sobre o presente. Compreender o que não pode mais ser modificado, para modificar o que ainda pode ser modificado; o mundo e nós mesmos".

"Existem tres versões; cada uma representa um momento histórico desta reflexão, cujos dados se alteram em função dos acontecimentos históricos. Na primeira escrita na Dinamarca em 1937/38, afirma que a abjuração de Galileu significava uma derrota que teria nos anos seguintes graves consequências na provocação de um cisma entre a ciência e a sociedade humana. Na segunda, escrita nos Estados Unidos em 1944/46, revisou o texto em função da explosão da bomba atômica em Hiroshima. Na terceira, iniciada em 1956, ele faleceu. Mas, em todas as versões, Brecht condena Galileu; porque segundo ele, por mais que tenha enriquecido a astronomia e a física, privou os de grande parte de seu significado social. O espectador é conduzido mais a compreender do que a julgar. O objetivo é compreender Galileu no mundo em que vive, ou seja, histórica e politicamente. O que ele pretende ensinar, é de que a culpa moral

na realidade é um erro político. A estrutura social naquele momento, o estatuto filial da ciência, a fraqueza do homem Galileu tornaram este erro possível".

ANDRÉA — O senhor conquistou o sossego necessário para escrever uma obra de ciência que só o senhor poderia escrever. Se o senhor acabasse numa auréola ardente, no alto de uma fogueira, os outros é que teriam vencido.

GALILEU — E eles venceram. E não existe obra de ciência que somente um homem possa escrever.

ANDRÉA — Mas então, porque é que o senhor abjurou?

GALILEU — Abjurei porque eu tive medo da dor física.

ANDRÉA — Não!

GALILEU — Eles me mostraram os instrumentos de tortura.

ANDRÉA — Mas então, não foi um plano?

GALILEU — Não foi.

"E Galileu resolve explicar... e Brecht se dirige, através de Galileu, aos intelectuais e cientistas de hoje: eles arrancaram o telescópio das nossas mãos para apontá-lo contra aqueles que os atormentam (...) O precipício entre vocês e a humanidade pode crescer tanto que o vosso grito de alegria, de quem descobriu alguma coisa nova, responda um grito universal de horror (...).

E Galileu quer pesquisas... e sua pesquisa é uma subversão de conceitos vigentes: o tempo antigo passou, agora é um tempo novo; onde a fé teve assento, por mil anos, sentou-se agora a dúvida".

E Brecht atinge e fere com seu objetivo — Os intelectuais devem assumir uma posição contra a repressão. Cultura e sabedoria pertencem ao povo.

Uma tragédia carioca: ASSASSINOU OS DOIS FILHOS E SE MATOU — vingança macabra — abandonada pelo amante Jasão o famoso autor do grande sucesso "A gota d'água" quando ficou famoso preferiu a filha do rico bicheiro; ciúme foi a causa do tresloucado gesto.

Fique atento para as novidades

LUTA DEMOCRÁTICA — Cr\$ 1 cruzeiro.

(o SEU jornal).

— a GOTA D'ÁGUA de CHICO BUARQUE & PAULO PONTES

É uma Medéia moderna e brasileira; o texto clássico de Eurípedes, escrito quase meio milênio antes de Cristo, foi revitalizado, submetido a uma injeção de nossa realidade urbana. A tragédia original refere-se ao ciclo dos Argonautas. Medéia é uma história de reis e feiticeiros. Gota d'água é uma história de pobres e macumbeiros.

Essa peça foi encenada em dezembro de 1975. Esquemáticamente foram estas as preocupações fundamentais que seus autores procuraram refletir.

"A primeira e mais importante de todas se refere a uma face da sociedade brasileira que ganhou relevo nos últimos anos: a experiência capitalista que se vem implantando aqui — radical, violentamente predatória, impiedosamente seletiva — adquiriu um trágico dinamismo. O tanto que produziu o milagre é conhecido por todas as pessoas de boa-fé e bom nível de informação: a brutal concentração da riqueza elevou, ao paroxismo, a capacidade de consumo de bens duráveis de uma parte da população, enquanto a maioria ficou no ora-veja. Forçar a acumulação de capital através da drenagem de renda das classes subalternas não é novidade nenhuma. Novidade é o grau, nunca ousado antes, de transferência de renda, de baixo para cima. Alguns economistas identificados com a fase anterior afirmam que a saída era previsível, mas, de tão radical, impensável, dado o grau de pauperismo em que já vivia a maioria da população. No futuro, quando se puder medir o nível de desgaste a que foram submetidas as classes subalternas, nós vamos descobrir que a revolução industrial inglesa foi um movimento filantrópico, comparado com o que se fez para acumular o capital do milagre".

EGEU — Pois eu vou te dizer: se só você não paga

você é um marginal, definitivamente

Mas imagine só se, um dia, de repente

ninguém pagar a casa, o apartamento, a vaga

Como é que fica a coisa? Fica diferente

Fica provado que é demais a prestação

Então o seu Creonte não tem solução

Ou fica quieta ou manda embora toda a gente

Cachorro, papagaio, velho, viúva, filha...

Creonte vai dizer que é tudo vagabundo?

E vai escorraçar, sozinho, todo mundo?

Pra isso precisava ter outra virilha

Não é?...

"A segunda preocupação é com um problema cultural. O povo sumiu da cultura produzida no Brasil — dos jornais, dos filmes, das peças, da tv, da literatura, etc. Isolado, seccionado sem ter onde nem como exprimir seus interesses desaparecido da vida política, o povo brasileiro deixou de ser o centro da cultura brasileira. Ficou reduzido às estatísticas e às manchetes dos jornais de crime.

(Continua na pág. 12)

— MARIA JOSÉ DUPRÉ —
112 páginas
Cr\$ 16,00

Maria José Dupré, que continua a ter a preferência de larga faixa de leitores desse país desde a década de 40, relança agora seus livros infantis.

A Editora Ática batizou de "Cachorrinho Samba" a coleção infantil de Maria José Dupré, que se inaugura com O Cachorrinho Samba.

Seguirão a esse primeiro título: —

A MONTANHA ECANTADA
A MINA DE OURO
O CACHORRINHO SAMBA NA FLORESTA
O CACHORRINHO SAMBA NA FAZENDA

O objetivo principal desta coleção é despertar na criança o gosto pela leitura. São textos de aventura, fantasia, com linguagem simples, clara e com fartas ilustrações. — ingredientes indispensáveis para um livro dedicado à criança.

Ressalta-se a ambientação, costumes e temas destes livros, sempre inspirados no Brasil, o que dá à coleção um caráter de autenticidade que certamente valoriza a obra.

EDITORA ÁTICA

RUA BARÃO DE IGUAPE, 110
CAIXA POSTAL, 8656 — SÃO PAULO

Mini Mercado

Fiambreteria Globo

Rua XV de Novembro, 1464 (em frente ao Banco do Brasil) — Fone, 22-0230

BLUMENAU — SANTA CATARINA

ENTREGA A DOMICILIO

SALIM MIGUEL — (autor catarinense)

Participou da revista SUL de Florianópolis, uma das muitas revistas que na década de 50 divulgava o autor, ou melhor os autores novos. Salim Miguel sempre trabalhou no anonimato propiciando a muitos autores uma posição de destaque no cenário nacional.

O Primeiro Gosto é um livro de contos, questiona, entre outras coisas o valor do texto poético. Merece ser lido. Cr\$ 15,00.

EDITORA MOVIMENTO — Coleção Sta. Catarina Vol. 6

MASSACRE — Dee Brown — Um dos autores americanos mais preocupados em relatar com veracidade um fato histórico de que em fazer sensacionalismo fragmentando a história a gosto do leitor. Partindo de entrevistas com personagens ainda vivos de uma espécie indígena, Dee Brown colhe as narrativas amarguradas de homens que viram e viveram a batalha mais sangrenta e injusta da história americana.

Cr\$ 35,00 — EDITORA EDIÇÕES MELHORAMENTOS — Série verso e reverso.

MÉTODOS EM PESQUISA SOCIAL — William J. Goode e Paul K. Hatt — Uma pesquisa realizada em diversas Universidades americanas e mostra e desenvolve um estudo que abrange desde um simples relatório de estudos de campo, com seus pormenores técnicos, até um conjunto de amplas generalizações sobre a metodologia da pesquisa. A sua finalidade é tornar compreensíveis, tanto os elementos de lógica básica como os procedimentos de pesquisa da moderna sociologia, a estudantes não graduados, nível no qual esse conhecimento deveria ser introduzido. A compreensão das técnicas de pesquisas, como fator indispensável para o estudante, quer ele deseje ou não tornar-se um pesquisador de campo, constitui a hipótese de trabalho das aulas.

COMPANHIA EDITORA NACIONAL — SP.

PRESENÇA DOS ESTADOS UNIDOS NO BRASIL — Moniz Bandeira — Analisa a influência dos EUA no Brasil. E, sem dúvida, o mais completo balanço até agora feito em torno de dois séculos de relações entre os dois países. Balanço apoiado em severa documentação; em paciente e laboriosa pesquisa.

Cr\$ 60,00 — EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA — RJ

Livraria Universitária

Rua XV de Novembro, 340, 2º andar, conj. 201, edif. Londrina — Cx. Postal, 503
BLUMENAU — SANTA CATARINA

Filial em Florianópolis (SC): Rua Visconde de Ouro Preto, nr. 57, sobreloja 4, edif. Visc. de Ouro Preto.

UMA PALAVRA ANTES ♦ ♦ ♦

(Continuação da pág. 11)

Povo, só como exótico, pitoresco ou marginal. Chegou uma hora em que até a palavra povo saiu de circulação. Nossa produção cultural, claro, não ganhou com o sumiço..."

JASÃO — Eu sempre quis um dente dourado
O que mais?...

"A terceira e última preocupação está refletida na forma da peça. No auge da crise expressiva que o teatro brasileiro tem atravessado, a palavra deixou de ser o centro do acontecimento dramático. O corpo do ator, a cenografia, adereços, luz, ganharam proeminência, e o diretor assumiu o primeiríssimo plano na hierarquia da criação teatral. As mais indagativas e generosas realizações desse período têm como característica principal a ascendência de estímulos sonoros e visuais sobre a palavra.

...Até um ponto em que o processo social ficou muito mais complexo do que a cultura era capaz de entender e formular. E este passou a ser o centro da crise da cultura brasileira: criou-se um abismo entre a complexidade da vida brasileira e a capacidade de sua elite política e intelectual de pensá-la".

CREONTE — Por hoje era o que eu tinha a dizer
Mas preste atenção que a partir de agora todo mundo um pouco vai depender de você. Cuidado que existe hora pra ser amigo e pra ser o poder
Não queira sair por aí fora dizendo o que pensa. Diga o contrário
Esqueça o nome do seu companheiro

e cumprimente o pior salafário,
que ninguém é inútil por inteiro
Esteja quase sempre sem horário
e sempre de partida pro estrangeiro...

"Gota d'água, a tragédia, é uma reflexão sobre esse movimento que se operou no interior da sociedade, encurralando as classes subalternas. É uma reflexão insuficiente, simplificadora, ainda perplexa, não tão substantiva quanto é necessário, pois o quadro é muito complexo e só agora emerge das sombras do processo social para se constituir no traço dominante do perfil de vida brasileira atual. De tão significativo, o quadro está a exigir a atenção das melhores energias da cultura brasileira; necessita não de uma peça, mas de uma dramaturgia inteira. Procuramos, pelo menos, diante de todas as limitações, olhar a tragédia de frente, enfrentar a sua concretude, não escamotear a complexidade da situação com a adjetivação raixosa e vã".

JOANA — Que venha e volte, entre e saia, que monte e desmonte, que faça e que desfaça...
Mulher é embrulho feito pra esperar, sempre esperar... Que ele venha jantar ou não, que feche a cara ou faça graça, que te ache bonita ou te ache feia, mãe, criança, puta, santa madona
A mulher é uma espécie de poltrona que assume a forma da vontade alheia.